



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DAIANE MONTEIRO MENDES

**PRÁTICA DE GÊNEROS ORAIS COMO PROPOSTAS DE
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**

Itaituba – PA
2022

DAIANE MONTEIRO MENDES

**PRÁTICA DE GÊNEROS ORAIS COMO PROPOSTAS DE
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Língua Portuguesa da Faculdade de Itaituba – FAI.

Orientadora: Profa. Mestra. Maria Danielle Lobato
Paes.

Itaituba – PA

2021

MENDES, Daiane Monteiro

Prática de Gêneros Orais como Propostas de Desenvolvimento da Oralidade /
Daiane Monteiro Mendes – Itaituba: FAI, 2022.

53 f.

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba-FAI, 2022.

1. Oralidade 2. Gêneros Oral. I. Paes, Maria Danielle Lobato Paes. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2022.

DAIANE MONTEIRO MENDES

**PRÁTICA DE GÊNEROS ORAIS COMO PROPOSTAS DE
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Língua Portuguesa da Faculdade de Itaituba – FAI.

Orientadora: Profa. Mestra. Maria Danielle Lobato
Paes.

BANCA EXAMINADORA

Presidenta: _____ Nota: _____

Prof.^a. Maria Danielle Lobato Paes, Mestra

Avaliadora: _____ Nota: _____

Profa. Walbea Lucia Lobato Martins. Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Profa. Verônica Gomes Moreno, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 11 de agosto de 2022.

*Educar é semear com sabedoria. É
colher com paciência. (Augusto Cury)*

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus primeiramente por essa etapa concluída do curso, no qual consegui com muito esforço e dedicação.

Aos docentes que me proporcionaram momentos únicos de experiências, e por sempre me auxiliar quando necessário.

À minha família, ao meu esposo por que sem o apoio de cada um, não teria chegado neste momento.

Dedico a minha família, ao meu esposo, pelo apoio e incentivo. E a todos que direto e indiretamente me ajudaram até o final desta etapa.

RESUMO

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como tema PRÁTICA DE GÊNEROS ORAIS COMO PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE. Surgem devido à necessidade de se trabalhar com atividades voltadas para a oralidade dos alunos, uma vez que é pouco explorada em sala de aula. O trabalho faz análise do ensino da Língua Portuguesa no contexto atual: abordagens teóricas, desafios no ensino da língua portuguesa, concepção de linguagem subjacente ao ensino da língua, ensino normativo (tradicional); ensino descritivo e ensino produtivo. Segundo consta nos livros didáticos e nos PCNS, deve-se explorar os gêneros orais na sala de aula, as características dos gêneros orais, oralidade versus oralização, e a capacidade de desenvolvimento da habilidade oral. Este estudo foi desenvolvido através de um projeto de pesquisa com os gêneros orais com formas de ensino da oralidade mais adequadas para a sala de aula, a fim de capacitar os alunos para a leitura, oralidade e escrita. Foram apresentados novos caminhos para que os alunos consigam oralizar melhor e, nesse sentido, surgem os gêneros orais como objeto de ensino da Língua Portuguesa. Além de utilizar embasamento teórico de autores tais como: SOARES (2002), PESSANHA; DANIEL; MENEGAZZO, (2003/2004), BRITO (1994), AMARAL (2012), MARCUSCHI (2001), TRAVAGLIA (1992), DOLZ e SCHNEUWLY (2004), dentre outros, mostra-se propostas metodológicas, com o objetivo de melhorar o desenvolvimento da oralidade na sala de aula.

Palavras-chave: Sala de Aula. Oralidade. Alunos. Gêneros Oraís

ABSTRACT

The development of this Course Conclusion Work (CCW) has the theme PRACTICE OF ORAL GENRES AS A PROPOSAL FOR ORALITY DEVELOPMENT. Object arises from the need to work activities for the orality of the students, since it is little explored in the classroom. The work is analysis of the teaching of Portuguese in the current context: theoretical approaches, challenges in the Portuguese language, underlying concept of language to language education, legal education (traditional); descriptive education and productive education. Reportedly in textbooks and the PCNS, you must explore the oral genres in the classroom, the characteristics of oral genres, orality versus oralization, and capacity development of oral skills. This study was developed through a research project with oral genres with ways of teaching more appropriate orality to the classroom in order to enable students for reading, writing and orality. Were presents new ways that students can oralize better and, accordingly, come the oral genres as teaching object of the Portuguese language. In addition to using theoretical background of authors such as: SOARES (2002), PESSANHA, (2003) MATTA, (2009), BRITO (1994), ARAÚJO (1965), MARCUSCHI (2001), TRAVAGLIA (1992), and DOLZ SCHNEUWLY (2004), among others, shows up methodological proposals, aiming to improve development of oral communication in the classroom.

Key words: Classroom. Orality. Students. Oral genres.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CONTEXTO HISTÓRICO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	11
2.1.1 Ensino da Língua Portuguesa: prática de Alfabetização e Letramento	13
2.1.2 Concepções de linguagem subjacente ao ensino da Língua Portuguesa	15
2.2 GÊNEROS ORAIS NA SALA DE AULA.....	24
2.2.1 Características dos Gêneros Orais	25
2.2.2 Oralidade versus Oralização	30
2.2.3 Capacidade de desenvolvimento da habilidade Oral	33
3 METODOLOGIA	36
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	36
3.2 COLETA DE DADOS	37
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	38
4.1 PERTINÊNCIA TEÓRICA E METODOLÓGICA DAS ATIVIDADES PROPOSTAS	38
4.1.1 Atividade 01: Gênero Oral Debate	39
4.1.2 Atividade 02: Gênero Oral Entrevista.....	41
4.1.3 Atividade 03: Gênero Oral Histórias Mirabolantes.....	42
4.1.4 Atividade 04: Gênero Oral Piada.....	43
4.1.5 Atividade 05: Gênero Júri Simulado.....	44
4.1.6 Atividade 06: Gênero Oral Reportagens ao Vivo.....	45
4.1.7 Atividade 07: Gênero Oral Publicidade em Feira Livre.....	46
4.1.8 Atividade 08: Gênero Oral Conto Oral	47
4.1.9 Atividade 09: Gênero Oral Sarau	47
5 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo propor atividades de desenvolvimento da oralidade por meio de gêneros orais. Essa necessidade se deu pelo fato de existir uma lacuna no processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa no que diz respeito à aquisição da habilidade oral. Embora se entenda a importância de se ter uma boa oralidade, os alunos geralmente chegam à faculdade sem ter condições de apresentar um seminário de forma eficiente, e isso é motivo de algumas desistências do ambiente escolar e acadêmico, ocasionando problemas indelévels na vida desses estudantes.

Nesse sentido, ao se considerar a os gêneros orais ferramentas fundamentais em uma sala de aula para formação de indivíduos ativos, este trabalho apresenta algumas das diversas formas de se trabalhar a oralidade, enfatizando as possíveis limitações e destacando as estratégias para o uso ativo desta habilidade linguística. O público alvo destas atividades propostas são alunos do 9º ano de Ensino Fundamental, por se considerar que esses estudantes estão saindo de uma etapa e chegando ao Ensino Médio e precisam se tornar indivíduos letrados críticos, cientes de suas opiniões.

Através de pesquisa bibliográfica, percebeu-se que na maioria das vezes o professor de Língua Portuguesa sente-se perdido no que diz respeito à prática da oralidade em sala de aula, muitas vezes confundindo esta como oralização. Isso ocasiona uma perpetuação do que se conhece como principal temor das pessoas que é a habilidade de falar em público. Infelizmente os livros didáticos quase não oferecem atividades voltadas para essa temática, acabam deixando de lado ou até mesmo ignorando o trabalho com a oralidade. Mesmo os PCN's reforçando a importância de trabalhar a oralidade em sala, os gestores escolares continuam a deixar desejar neste aspecto.

Diante disto, este Trabalho de Conclusão de Curso visa instrumentalizar os professores de Língua Portuguesa, no sentido de apoiá-los com a seleção e sistematização dos gêneros orais mais apropriados para se trabalhar em sala de aula. Passo a passo dessas atividades serão explicadas e fundamentadas teoricamente, além de se enfatizar as pertinências metodológicas de cada uma dessas atividades.

Conforme Marcuschi (2001) trabalhar a oralidade em sala de aula, tem que

sem feito sem deixar de compreender a contribuição escrita na formação cultural e preservar as tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva. Dedicar-se ao estudo da oralidade é acima de tudo uma excelente oportunidade para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação.

Assim, o autor sugere e aponta a importância de trabalhar com a fala, pois essas atividades auxiliam o aluno a reconhecer e identificar as diferenças existentes da fala para a escrita no seu cotidiano, o aluno deve ter em mente que nem tudo que falamos da mesma forma escrevemos, e uma boa oportunidade para aprender é através de atividades variadas em que os alunos possam participar ativamente dos diferentes tipos de linguagem. Além de ajuda-los em excluir, até mesmo os preconceitos linguísticos existentes em seu meio.

Para tanto o objetivo não é ensinar os alunos a falar, pois isso já traz de casa, mas mostrar as diferentes formas que há em se expressar e em qual lugar ou momento que vai utilizar, sem que prejudique seus objetivos na hora de se expressar. O primeiro passo para que o ensino seja bem-sucedido é a escolha do material que vai auxiliar o professor nesse objetivo.

O trabalho foi feito por meio de pesquisas bibliográficas de autores como Soares (2000), Marcushi (2004), Matta (2009), Antunes (2010), Pessanha (2003/2004), Daniel; Menegazzo e Bezerra (2010), Brito (2010), Rojo (2009) entre outros, que destacam os avanços ocorridos ao longo dos tempos na educação e também apontando alguns aspectos que contribuem com o fracasso escolar.

Além disso, esta pesquisa foi estruturada em capítulos que tratam do ensino da Língua Portuguesa e os desafios que são enfrentados pelos professores ao longo dos anos, além de tratar dos gêneros orais, mostrando a importância de ter um trabalho voltado para esse tema em sala de aula, apontando suas características, a diferença entre oralidade e oralização, que erroneamente são geralmente tratados como sinônimas.

Por fim, são apresentadas algumas propostas de atividades metodológicas para auxiliar o professor na prática com a oralidade na sala de aula, objetivando capacitar os alunos para dominar todas as situações de linguagem possíveis, sobretudo na sua capacidade de oralidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CONTEXTO HISTÓRICO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

De acordo com Soares (2002, p.158-159) em meados do século XVIII não se tinha ainda no Brasil uma língua definida, apenas “o português” trazidos pelos colonizadores. Embora oficial, mas não dominante, pois existiam a língua indígena, e o latim que era base dos estudos jesuíticos. O português não existia nos currículos escolares, não era considerada uma língua de prestígio por parte dos colonizadores, uma vez que o que havia era apenas o ensino do português voltado para a alfabetização, onde se limitava apenas aqueles de classe social mais abastada, no qual possuía práticas tanto na leitura quanto na escrita.

Nesse sentido, segundo a autora supracitada, o ensino de Língua Portuguesa só passou a existir nos currículos escolares brasileiros, a partir das últimas décadas do século XIX. Na década de 1950, Marquês de Pombal torna o ensino do português obrigatório, através das reformas que implantou no ensino de Portugal e suas colônias. Proibindo, assim, o uso de outras línguas, e fortalecendo a Língua Portuguesa, de acordo com Pessanha; Daniel; Menegazzo (2003-2004, p. 36) “o aluno passou a estudar a gramática portuguesa, que se tornou parte integrante do currículo, ao lado da gramática latina e retórica”.

Dessa forma, o estudo da Língua Portuguesa seguiu a tradição do ensino do latim, pois fazia parte do currículo sobre as formas da retórica, poética e gramática. Sendo a sua função levar o conhecimento das normas e regras de funcionamento do dialeto em prestígio, ensino da gramática, ensino a respeito da língua, análise de textos literários. Tempos depois com o fim do império uniram-se tornando uma só disciplina, “português”. Até os anos 40 do século XX manteve a essa tradição devida continuar a mesma clientela, restringindo-se apenas aos grupos de elite.

A partir da década de 50 e 60 as escolas passam a dar oportunidades para todas as classes, devido às reivindicações pelas classes populares em busca de direitos escolares. Desde então os filhos dos trabalhadores passam a frequentar as escolas, isso fez com que houvesse mudanças no ensino, principalmente em Língua Portuguesa, pois os novos estudantes traziam consigo uma variedade linguística. (SOARES, 2000).

Essa variedade linguística não correspondia ao que era ensinado em sala de aula ocasionando dificuldades aos alunos na produção escrita devido à inadequação em relação ao trabalho com a linguagem. Dessa maneira, houve a necessidade de implantarem nas escolas o estudo da linguística, onde o professor passa a reconhecer as variedades existentes e passa a fazer parte da realidade escolar.

Várias mudanças foram apresentadas com o avanço dos estudos linguísticos no desenvolvimento da aprendizagem, no qual influenciaram na metodologia de ensino de Língua Portuguesa.

Inúmeras são as teorias que, de formas variadas e em níveis diversificados, influenciam na metodologia de ensino de língua portuguesa. No entanto, nas últimas décadas do século XX e primeiros anos do século XXI, algumas têm se destacado: a teoria sociointeracionista Vygotskyana de aprendizagem, as de letramento e as de texto/discursivo, que possibilitam considerar aspectos cognitivos, sociopolíticos, enunciativos e linguísticos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma língua (BEZERRA, 2010, p.40).

Neste sentido, a concepção de aprendizagem é resultado da interação de um indivíduo com outros em um determinado grupo social, no qual se torna importante no desenvolvimento do ser humano. Essas influências dão possibilidades, ao indivíduo em se modificarem terem novos pensamentos, além do desenvolvimento tanto na linguagem, quanto na escrita.

Na década de 1950 surgem novas transformações no ensino de português, devido ao aumento constante de novos alunos com dialetos diferenciados, exigindo mais professores. Com isso, surgiu a elaboração do livro didático, para facilitar o trabalho do professor, diminuindo sua responsabilidade quanto à escolha do conteúdo a ser ensinado.

Mesmo com essas transformações e avanços no ensino, há uma evidente crise no ensino de Língua Portuguesa, essa constatação pode ser demonstrada pelo baixo desempenho linguístico dos alunos em toda educação básica, pois o aluno brasileiro demonstra falta de habilidade com a leitura e a produção de textos escritos.

Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres (BRITO, 2010, p.4).

A leitura é um elemento indispensável na vida do indivíduo e na formação da cidadania, pois através dela ele terá acesso à informações, novos conhecimentos, que é de suma importância para interagir na sociedade, neste sentido, os gregos e romanos acreditam que quem sabe ler e escrever já estão inclusos na sociedade com suas capacidades físicas.

Conforme relata Rojo (2009), o INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional), pesquisa anualmente a capacidade de leitura e escrita da população brasileira e tem por objetivo mostrar o nível de analfabetismo para a sociedade e os governantes, para que os mesmos possam avaliar a situação da população em relação à educação escolar.

Com essas pesquisas do INAF foram estabelecidos nível de alfabetismo, na primeira metade do século passado era considerado alfabetizado aquele que sabia ler e escrever o próprio nome, em 1958 é considerado alfabetizado a pessoa que é capaz de ler e escrever com compreensão de um enunciado culto e simples. Hoje esse nível é considerado como um nível mínimo de alfabetismo.

De acordo com a INAF, analfabeto é aquele que não consegue realizar tarefas simples que envolvem decodificação de palavras e frase. O alfabetismo nível rudimentar é aquele que consegue localizar informações explícitas em textos mais curtos, como; identificar um título de revista ou uma data em que se inicia algum tipo de campanha, etc. Nível básico corresponde aquele que consegue identificar informações em textos curtos, ou em textos de extensão média. Nível pleno, aquele indivíduo que consegue ler textos longos, que consegue localizar mais de uma informação dentro do texto (ROJO, 2009, p. 46).

Nos dias atuais, ser alfabetizado vai além de saber ler e escrever, pois somente esses dois itens é considerado insuficiente para as demandas da sociedade. Alguns anos atrás bastavam apenas que as pessoas soubessem assinar o nome ou até mesmo escrever um simples bilhete para ser considerada alfabetizada, mas atualmente essas habilidades não garantem uma boa interação devido aos diferentes tipos de textos que circulam na sociedade, é necessário bem mais que isso.

2.1.1 Ensino da Língua Portuguesa: prática de Alfabetização e Letramento

Diante desse novo panorama no Ensino da Língua Portuguesa, surgiu o termo letramento que vai além do ler e escrever, é preciso dominar a leitura e escrita,

compreender o que se está lendo, e assimilar diferentes tipos de texto. Logo, letrar é mais que alfabetizar, mas não podem separar esses dois processos, pois primeiramente o aluno tem contato com a prática da leitura e escrita “alfabetização” para depois desenvolver as habilidades que as envolvem adquirindo assim o letramento.

Pode-se dizer que a inserção no mundo se dá por meio da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia a “alfabetização” e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos e atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvam a língua escrita “letramento (SOARES, 2004, p. 90).

Portanto, a alfabetização tem início na escolarização do indivíduo, onde recebem orientação para o domínio da tecnologia escrita. Quanto ao letramento, cabe direcionar o sujeito ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, estimular o mesmo em ter o hábito, as habilidades ou até mesmo o prazer da leitura e escrita de diferentes gêneros, em diferentes contextos e circunstâncias.

O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita (...), a alfabetização pode dar-se, como de fato se deu historicamente, à margem da instituição escolar, mas é sempre um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever (MARCUSHI, 2010, p. 21).

Assim sendo, a alfabetização e o letramento estão interligados, pois ambos têm fundamental importância no ensino de Língua Portuguesa, pois é na escola que o indivíduo passa a desenvolver cada uma dessas habilidades. O professor se torna fundamental também diante desse processo, pois deve incentivar e facilitar ao aluno recursos significativos que permitam que este aprenda de forma natural e prazerosa, alcançando, assim, o sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita e falada.

Nos dias atuais, o trabalho de alfabetização e letramento se torna mais exigente devido às mudanças tecnológicas e sociais. E está cada vez aumentando a utilização dessas novas ferramentas, no qual vem a influenciar no processo ensino-aprendizagem, exigindo do educador de Língua Portuguesa, métodos eficazes que possam colaborar com essas novas mudanças, usando-as como ferramenta positiva para seu trabalho, sendo assim, o professor estará contribuindo na formação de indivíduos capazes de descobrir, compreender e transformar o mundo que o cerca.

A escola, ao sistematizar a aprendizagem da escrita, criou uma nova prática de escrita que não correspondia às práticas sociais. Na realidade, a escola representou uma forma de controle social sobre a escrita, por parte do Estado burguês, cuja função era disciplinar os trabalhadores para a industrialização (...) a alfabetização deixou de ser objetivo pessoal para os cidadãos e foi se constituindo como uma necessidade social, econômica e cultural, desenvolvida na escola, cada vez mais sob o controle do Estado” (DI NUCCI, 2001, p. 50).

Portanto, é necessário que a escola dê condições para que o professor possa desenvolver competências na sua prática pedagógica, alcançando níveis significativos para atender as exigências no ensino escolar, uma vez que vivemos em uma sociedade que é centrada na escrita que se dá grande importância às habilidades de ler e escrever. Nessa perspectiva, é necessário envolver-se com as práticas sociais de escrita. Quanto aos professores devem preocupar-se em desenvolver projetos a que venha facilitar seu aprendizado

2.1.2 Concepções de linguagem subjacente ao ensino da Língua Portuguesa

Pode-se considerar que a linguagem está presente em todo momento na vida das pessoas, a partir dessa perspectiva, pode-se refletir sobre as diferentes concepções que conduzem a esse ensino. No ensino de Língua Portuguesa essa concepção se torna muito importante, pois é uma atividade de interação entre os sujeitos onde os mesmos se comunicam através da língua.

A linguagem é instrumento da comunicação: por meio dessa concepção, a língua é vista apenas como um código (conjunto de signos que se combinam de acordo com regras) e que possibilita a transmissão ao receptor de uma determinada mensagem (informações). Há apenas uma possibilidade de entender a mensagem- aquela dada pelo autor (emissor). Assim, o que se diz fala por si e cabe ao receptor (destinatário) entender e assimilar. Nesta concepção, o falante tem em sua mente uma mensagem para transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso, ele coloca-a em código e remete-a para o outro através de um canal. O outro recebe os sinais codificados e transforma-os de novo em mensagem. É a decodificação (MATTA, 2009, p. 15).

Sendo assim, o domínio da linguagem é necessário na maior parte das atividades exercidas pelos cidadãos. No entanto, seu ensino se torna obrigatório, pois o indivíduo que tem facilidade de se comunicar através de uma linguagem mais rica, com certeza terá mais sucesso no decorrer de sua carreira tanto como estudante quanto na vida profissional. Com isso, o que se espera no ensino, é que

possa preparar os alunos para saber interagir com outros, utilizando a língua, oral ou escrita, de maneira eficaz.

Primeiramente, o professor precisa conhecer sua concepção de linguagem, a partir de então, considerar o seu trabalho um espaço interativo onde possa ministrar suas aulas com clareza, ter em mente quais os objetivos que pretendem alcançar. O educador como mediador, deve ofertar ao aluno os diversos sentidos possíveis do uso da linguagem. De acordo com Geraldi (1984, p.46), “uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas principalmente um “novo conteúdo” de ensino”. Por isso se torna importante o desempenho do professor em buscar metodologias que beneficia esse ensino.

Ainda na década de 70, a linguagem era considerada expressão de pensamento. Trata-se de uma visão da tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Moderna. E no início do século XX foi repensada, por Saussure (1969). Esta concepção preconiza que a expressão é produzida internamente nos indivíduos, ou seja, em sua mente. A linguagem é considerada a “tradução” do pensamento. As práticas linguísticas são vistas como decodificação.

É através do pensamento que a linguagem se faz real, ou seja, se pensa primeiramente e só depois se fala, assim, transforma-se os pensamentos em linguagem, com isso utilizar-se a expressão “falamos sem pensar”, isso não quer dizer que não pensamos antes disso, por menor que seja esse pensamento sem o amadurecer falamos, pois, a linguagem é expressão do pensamento como afirma Travaglia (1992):

As pessoas não se expressam por bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece (TRAVAGLIA, 1992, p. 21).

A expressão é construída no interior da mente, fazendo com que essa construção saia da mente e se transforme em fala, assim o outro ser não participa dessa fase, ou seja, ninguém tem acesso ao que o outro pensa, apenas quando se é transformado em fala. A linguagem como expressão do pensamento deixou de ser entendida assim e passou a ser considerado instrumento de comunicação, sendo a língua vista como um código no qual transmite uma mensagem se formando fora dos nossos pensamentos, facilitando no ensino e colaborando no aprendizado dos

alunos tornando-os mais ativos. De acordo com Geraldi (1997), essa concepção de linguagem se liga à Teoria da Comunicação e prediz que a língua é um sistema organizado de sinais (signos) que serve como meio de comunicação entre os indivíduos.

A linguagem pode ser vista também como forma de interação, no qual pode proporcionar um ensino mais eficaz onde os alunos passam a observar melhor o funcionamento da língua de forma mais clara e presente do seu dia a dia, adequando-as melhor nas diversas situações comunicativas reduzindo assim os métodos tradicionais.

Deste modo, ao invés de estudar somente descrição gramatical, regras que privilegiam apenas a sintaxe da língua, estuda-se o uso da língua em situações de interação. Para Matta (2009, p.15), “segundo esta concepção, o indivíduo emprega a linguagem não só para expressar o pensamento ou para transmitir informações para outro indivíduo, mas é o lugar de ação ou interação”. Ou seja, a linguagem se faz pela interação comunicativa entre interlocutores, em uma dada situação em um contexto histórico e ideológico.

Assim, o ensinar a língua não pode ter outro objetivo senão o de chegar aos usos sociais desta língua, como ela acontece no dia a dia das pessoas. É a língua-em-função, que somente ocorre entre as pessoas, com alguma finalidade, dentro de um determinado contexto. Só desse modo se poderá ampliar a competência comunicativa do nosso aluno para falar, ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes. E como a proposta é de uma linguagem interativa, temos que interagir com os nossos alunos, explicando-lhes o porquê de cada atividade: para que a aquisição desta ou daquela noção ou habilidade é importante para eles (MATTA, 2009, p. 16).

Nessa perspectiva, a linguagem não é percebida, simplesmente, como um código para transmitir informações ou uma forma de exteriorizar o pensamento. Quando utilizamos a linguagem estamos interagindo, atuando sobre o outro, influenciando-o e sendo influenciado. Sendo assim, o professor deve interagir, com seus alunos e organizar as diferentes falas presentes em sala de aula para obter um ensino significativo para que possam adquirir uma capacidade comunicativa, tanto no que se refere aos mecanismos básicos da linguagem, quanto à postura crítica da realidade.

Portanto, o ensino deve ser direcionado de maneira correta, e o professor deve estar atento ao processo de ensino, dando oportunidades aos alunos de

desenvolver a oralidade, escrita, leitura e a escuta, ambas são habilidades que tem grande relevância para o desenvolvimento da linguagem do educando. Mas para conseguir tais resultados o docente tem que participar ativamente do processo provocando os alunos a buscar novos conhecimentos que venha a facilitar no seu aprendizado.

2.1.3 Ensino normativo (tradicional); ensino descritivo e ensino produtivo

De acordo com Bezerra (2010), tradicionalmente, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil se volta para a exploração da gramática normativa (...), quando se fala em gramática se pensa logo num ensino tradicional, com regras, normas, um ensino para falar e escrever corretamente, por estabelecer regras a serem seguidas. Sendo um dos conteúdos mais vistos nas escolas pelos alunos.

A gramática normativa, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma que se tornou oficial. Baseia-se em geral, mais nos fatos da língua escrita e da pouca importância a variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente, ou não, como idêntica a escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira (TRAVAGLIA, 2009, p. 30).

Segundo o autor, o ensino da gramática normativa dedica-se exclusivamente à língua escrita, tampouco se importa com a língua falada. Preocupa-se apenas em ditar regras a serem seguidas e obedecidas, desprezando assim a oralidade e outras variedades da língua. Visto que, na escola é preciso que se tenham prioridades tanto com a gramática quanto no ensino da língua como um todo, considerando as várias vertentes linguísticas, pois ambas são necessárias para o desempenho do aluno.

Nesse sentido, é necessário que o professor se aproprie de todas as metodologias que a Língua Portuguesa oferece, para que possa desenvolver um ensino satisfatório. Deve-se pensar em um trabalho que proporcionem desenvolvimento para os alunos em todos os conteúdos ofertados pela disciplina, uma vez que os discentes devem ser preparados para serem bem-sucedidos em suas interações, em compreender e produzir textos, entre outras habilidades que o ensino o propõe. Torna-se fundamental que o indivíduo tenha o conhecimento das

regras para que possa fazer bom uso da linguagem tanto na vida acadêmica quanto na vida profissional.

Muitos professores não têm conhecimento de um ensino mais produtivo em relação à gramática e, por isso, a educação brasileira é alvo de algumas críticas, por apresentar uma doutrina muito tradicional, onde o aluno ao invés de aprender acaba por decorar. É preciso haver uma mudança a esse respeito, oferecer um ensino, apresentando suas vantagens para promover uma boa aprendizagem.

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se a regras de gramática normativa que, como vimos, são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais, regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e “boas” a serem imitadas na expressão do pensamento. (...) a maior parte do tempo das aulas é gasta no aprendizado e utilização dessa metalinguagem que não avança, pois, ano após ano, se insiste na repetição dos mesmos tópicos gramaticais (TRAVAGLIA, 2001, p. 101).

É necessária mudança quanto à metodologia utilizada em sala de aula, trabalhar a gramática com métodos mais recentes, em que o aluno possa compreendê-la e passar a utilizá-la. Segundo Antunes (2010, p. 53), “não há dúvida de que deve ensinar a gramática normativa nas aulas de português, embora se saiba perfeitamente que ela em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever com precisão”. O professor ciente da realidade deverá dedicar-se em adotar novos recursos didáticos para garantir um ensino onde o aluno possa ter uma aprendizagem significativa.

Neste sentido, nos dias atuais está muito difícil ensinar, ou seja, educar, pois o aluno não tem muito interesse em aprender e de forma que o mesmo põe dificuldade em tudo, e assim o ensino da gramática tradicional tende a dificultar, em relação as suas normas e regras, onde precisar segui-las ou não se consegue entender e aprende-la, onde é considerado erro tudo o que não está de acordo com essa variedade da língua. Historicamente, a gramática descritiva surgiu a partir do estudo da linguística, área em grande desenvolvimento desde a década de 60, contudo a definição de gramática descritiva é muito parecida com a da gramática normativa, podendo ser confundidas.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfo-sintático e léxico). Diz ainda que por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo do saber idiomático e do saber expressivo (BECHARA, 2001, p. 52).

Nesse tipo de ensino estuda todas as variedades da língua, não deixa de definir classes gramaticais, mas se preocupa em explicar e analisar os usos da língua em sua função. Observa como se comporta determinada palavra, a fim de facilitar o entendimento e a diferença entre as classes. Segundo Travaglia (2009:32), “a gramática descritiva trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta e dá preferência para a forma oral desta variedade. Podemos, então, ter a gramática descritiva de qualquer variedade da língua”.

Contudo, temos o ensino produtivo no qual almeja aumentar os recursos linguísticos sem modificar os padrões existentes. É um trabalho que visa acrescentar a gramática internalizada do indivíduo a partir de reflexão de novos conceitos que possa adquirir condição em se adequar melhor às mais variadas situações de interação comunicativa.

O objetivo é na verdade, fazer com que o aluno seja bem-sucedido em suas interações pela linguagem nas mais diversas interações, ou seja, que ele possa ser capaz de compreender, produzir textos entre outras habilidades, através dos recursos que os mesmos já possuem.

O ensino produtivo objetiva ensinar novas habilidades linguísticas. Quer ajudar o aluno entender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente; dessa forma, não quer “alterar os padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar os recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidades delas” (TRAVAGLIA, 2009, p. 39-40).

Assim, esse ensino contribui para que o aluno entenda o uso de sua língua de maneira mais eficiente, permitindo que o indivíduo conheça a instituição social que é a gramática, com objetivo de um ensino que possa desenvolver não apenas a competência gramatical, mas a textual, discursiva, etc. Possibilitando a sua competência comunicativa. Não focar apenas na leitura e escrita do aluno, mas que ele possa aprender um pouco sobre conhecimento cultural, social, científico, uma prática que todo cidadão deve ter.

É indispensável o ensino da gramática nas escolas, porém, o ensino deve estar voltado para todas as necessidades dos discentes, procurar abranger todas as possibilidades existentes de um aprendizado eficaz, onde os alunos possam desenvolver todas as suas habilidades, orientando o aluno sobre as regras no qual ele já domina, e mostrar as diferenças existentes entre a linguagem escrita e oral.

Deve-se pensar em um trabalho que considere a língua como seu alicerce por meio de atividades gramaticais proporcionando que o falante utilize os recursos da língua de maneira adequada a cada situação de interação.

O surgimento do livro didático (LD), conforme Bezerra (2003) deve-se às transformações que o ensino de Língua Portuguesa sofreu, antigamente tinham-se livros com muito mais gramática com regras e poucos trabalhos de leituras de textos variados e outros, hoje se vê diferente, os livros ganharam uma nova roupagem, suprimindo assim as necessidades dos professores e alunos.

[...] com livros de melhor qualidade nas escolas, o PNLD vem contribuindo para um ensino de melhor qualidade: é uma referência consensual de qualidade para a produção de livros didáticos e para sua escolha, por professores; vem possibilitando uma reformulação dos padrões do manual escolar brasileiro e criando condições adequadas para a renovação das práticas de ensino nas escolas (ROJO; BATISTA, 2003 p. 41).

Contudo, o Ensino da Língua Portuguesa vem sendo melhorado nos livros didáticos a cada edição, apesar de que ainda falta muito no que se diz respeito ao uso da língua. Em suma, o livro será um apoio ao aluno visto que o aluno chega à escola com completo domínio da linguagem oral no que diz respeito às demandas de seu convívio social imediato. Ela será o instrumento por meio do qual se concretizarão tanto a intercâmbio professor-aluno e aluno-aluno quanto o processo de ensino-aprendizagem.

A primeira denominação com Livro didático foi no Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938 – Art. 2:

Compêndios são os livros que expõem total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares [...] livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula; tais livros também são chamados de livro-texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual, livro didático (OLIVEIRA, 1984, p. 22).

Neste sentido, compêndios já seria o livro didático geralmente normativo, que contém essa síntese, assim se consagrou o livro didático conhecido nos dias atuais

destinado ao ensino onde a proposta deve obedecer aos programas curriculares.

O livro didático é presença constante em sala de aula; geralmente, ele assume o estatuto de autoridade, pois sua programação, na maioria das vezes, é seguida fielmente pelo professor. Em geral parece não ser o mestre que ensina, orienta, pensa e reflete com os alunos, mas o livro didático que fala, impõe, determina a todos e as suas falas (TARDELLI, [s.d.], p. 37).

Embora se fale diferente a realidade é outra, ainda existem muitos professores que utilizam o livro didático como manual de sua aula, como um professor mestre que diz o que ele deve fazer e este segue exatamente o que se pede, embora este tenha outros materiais didáticos o livro é como uma única opção a ele, ao contrário o livro deveria ser mais um material de apoio, e não somente este.

Na primeira parte do PCN, propõe-se a interdisciplinaridade, para que o aluno analise a língua em uma perspectiva mais ampla, e a relação da disciplina aos temas transversais. A Língua Portuguesa é oferecida como uma área em mudança, no que se refere ao ensino, pois se tem passado do exagero de regras e tradicionalismo típicos das escolas para um questionamento de regra e comportamentos linguísticos.

Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na escola como resultantes da articulação de três variáveis: o aluno, a língua e o ensino. O primeiro elemento dessa tríade, o aluno, é o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a Língua Portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola. E o terceiro elemento da tríade, o ensino, é, neste enfoque teórico, concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. Para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar programar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno (BRASIL, 1997, p. 29).

Nessa perspectiva, o professor exerce um papel muito importante, por isso é fundamental que o mesmo desenvolva seu plano de aula, para que possa atender todos os requisitos exigidos no ensino, e assim oferecer ao aluno atividades que venha a contribuir e enriquecer o desenvolvimento intelectual e social do educando. É de suma importância envolver o aluno em atividades que os auxiliem a compreender e refletir sobre os mesmos. E o mais importante é fazer com que se sintam motivados pela busca do conhecimento, tornando-se sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

Os PCNs enfatizam a importância de o professor trabalhar a diversidade de texto, pois ajuda aos alunos a desenvolver a competência de compreensão de textos variados, serem críticos, reflexivos, e sempre estar bem informados aos acontecimentos na sociedade.

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade (...). Em consequência o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra de uma determinada hipótese ou teoria (...) (BRASIL, 2001, p. 30).

Logo, é necessário um ensino voltado para os diversos textos que circulam na sociedade, visto que, consideram que trabalhar com textos cabe à matéria de Língua Portuguesa. E por falta de um ensino voltado para essa temática os discentes têm dificuldades em interpretar os diferentes textos que são lhe apresentados. Sendo assim, os textos são vistos como instrumentos nas aulas de português, contribuindo na minimização das dificuldades do aluno.

É de suma importância que o professor trabalhe os gêneros na sala de aula, pois trabalhar a variedade de textos aproxima o aluno da realidade social, facilitando na sua compreensão e contribuindo para a prática de leitura e produção de textual e oral, e o professor como mediador deve auxiliá-lo nesse processo, no que diz respeito a escuta, leitura e produção, para desenvolverem sua capacidade tanto nos textos orais como escritos.

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas da fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter em boas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas (BRASIL, 2001, p. 49).

Por isso, se faz necessário um ensino repensando a respeito das atividades didáticas expostas na sala de aula. Os PCN's destacam que as escolas devem preparar o aluno para utilizar a linguagem oral, propondo atividades, sobre tudo respeitando sua linguagem, ou seja, é papel da escola direcionar a fala nas diversas

situações, pois ela já existe no aluno muito antes de frequentar uma escola.

2.2 GÊNEROS ORAIS NA SALA DE AULA

As aulas de Língua Portuguesa têm grande destaque nas escolas, por ser uma das matérias mais cobradas aos alunos, no qual exige do professor bom planejamento de aula, que seja a favor do desenvolvimento de todas as habilidades dos discentes. No entanto, percebe-se que seu ensino quanto aos gêneros orais não é valorizado, uma vez, que os próprios docentes não desenvolvem tarefas voltadas para a oralidade dos educandos, se ocupam apenas em atividades em que ditam regras como a “famosa” gramática, onde forçam os alunos a decorarem para se sobressaírem nas provas.

De acordo com alguns linguistas, as atividades quanto aos gêneros orais deveriam ser trabalhadas constantemente, pois o aluno necessita de atividades em que possam desenvolver a oralidade, uma vez que já traz de casa uma bagagem no qual precisa ser apenas aperfeiçoada. Segundo Marcuschi (2001, p. 45), “a própria escola deixa de incentivar os trabalhos orais na sala de aula, porque o próprio docente não sabe nem como trabalhar essa habilidade e tampouco, entende de maneira apropriada seus mecanismos”.

E por falta de um ensino com gêneros orais, os alunos enfrentam muita dificuldade em relação à exposição de trabalhos, principalmente no ensino médio e superior, uma vez que o ensino quanto à exposição de trabalhos deve ser aperfeiçoados desde início da vida escolar dos alunos.

A escola, no trabalho com a fala e com o campo da oralidade, deve não apenas dar a oportunidade aos alunos de observarem e de analisarem determinadas práticas orais, como também deve fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela (BENTES, 2010, p. 137).

Assim, a escola é a base em que o aluno confia para desenvolver tais habilidades. Infelizmente, o trabalho com a oralidade é deixado de lado, tanto pelos órgãos responsáveis pela educação, quanto pelos próprios professores, por contribuírem e se acomodarem com falta dos trabalhos orais em sala de aula, uma vez que, o ensino da língua oral ocupa pouco espaço na escola, até mesmo por considerar a linguagem falada pobre, mal estruturada, dando importância apenas

para o estudo da escrita.

De acordo com Marcushi (2010), na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários. É importante enfatizar que ambas são eficazes como objeto de ensino, pois permitem que os alunos compreendam melhor quando estudadas as diferenças existentes, respeitando cada uso, tanto na escrita quanto na fala.

Por isso, o ensino a respeito da oralidade se torna tão importante, pois é através do aperfeiçoamento da fala, que o aluno se sente capaz de expor suas ideias em público, apresentar um seminário, ou até mesmo se expressar em uma entrevista de emprego, etc., estes só poderão desenvolver essas habilidades por meio de atividades praticadas na escola.

2.2.1 Características dos Gêneros Orais

O gênero é um instrumento que leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes a linguísticas discursivas de acordo com a escolha de um gênero apropriado em uma dada situação. Podem ser trabalhados através de atividades, que vai desde o gênero discursivo primário, ou seja, um discurso simples, imediato, até o gênero secundário, mais complexo, elaborado, mais desenvolvido.

O discurso primário se define em uma comunicação espontânea, imediata, conversas simples do dia a dia. Assim Dolz e Schneuwly (2004, p. 39) definem os gêneros primários; como “troca, interação, controle mútuo pela situação; funcionamento imediato do gênero como entidade global controlando todo processo, como uma só unidade; nenhum ou pouco controle metalinguístico da ação linguística em curso”. Pode-se então dizer que é a linguagem popular, de modo comumente, ou seja, é fruto da tradição oral de um povo.

Os gêneros secundários, segundo Dolz e Schneuwly (2004) não são espontâneos como o primário se desenvolve por relações mais formais, baseado pela leitura e escrita. Ainda, segundo o autor “os gêneros primários são instrumentos para a criação dos secundários”, pode-se dizer que é uma continuidade, uma ruptura no qual os princípios de aprendizagem são outros, ocorrendo assim uma reconstrução num nível mais elevado.

Segundo Matta (2009), é necessário refletir sobre o ensino da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, é preciso mudanças por parte dos professores com relação às atividades em sala de aula, já que a oralidade não se faz presente ou até mesmo nem aparecem na elaboração dos planos de aula. Para que a língua oral passe a ter seu papel devido nas aulas de Língua Portuguesa.

Desse modo, é importante que seu ensino consiga atingir seus objetivos e que os alunos possam ter a habilidade de distinguir as diferentes situações de usos da língua, pois são questões importantes para serem vista na sala de aula, por ser um reflexo da capacidade comunicativa do aluno.

Podemos dizer que não há mais dúvidas quanto a isto: devemos abrir um espaço para o trabalho com a oralidade nas nossas atividades de ensino. Aliás, essa questão deveria ser discutida com os professores das outras disciplinas e não apenas com os de português. (...), se o professor de português aceita o caráter interacional da oralidade e, conseqüentemente, a sua realização em diferentes gêneros e registros textuais, ele tem um campo aberto de atividades a serem realizadas em sala de aula (MATTÁ, 2009, p. 65).

Diante disso, o professor que se dispõe das variedades de ensino que a Língua Portuguesa oferece e incentiva seu colega de trabalho para que juntos possam desenvolver atividades quanto à oralidade do aluno, este com certeza, terá grande contribuição com o desenvolvimento do aluno, para que ele se sinta seguro, tanto para a vida acadêmica quanto para a vida profissional. Essa é a finalidade desse ensino, fazer com que os sujeitos se sintam capazes de se expressar em qualquer ambiente que estejam.

Dessa forma, os PCN's recomendam que as escolas devam preparar o aluno para utilizar a linguagem oral, através de diversas atividades que envolvam planejamento, com objetivos definidos, darem mais possibilidades de o aluno ler, escrever, de se expressar, etc. em função da comunicação.

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite a escolha a vez a voz, a diferença e a diversidade (BRASIL, 2001, p. 49).

Diante disto, não há dúvidas que a escola é a principal responsável por esse ensino, e tarefa do professor buscar, planejar atividades, para ofertar ao aluno um

ensino capaz de conhecer e respeitar qualquer diferença existente no meio em que vive.

Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é, mas não oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente (BRASIL, 2001, p. 49).

Não há necessidade de o professor corrigir a fala do aluno, mas ajuda-lo em adequá-la nas diversas formas de usos, para que o mesmo não tenha preconceito consigo e com os outros, mostrando a eles que as formas de falar têm seus lugares, sem necessidade até mesmo ofendê-los em dizer que sua fala está errada.

Assim, os PCN`s apresentam alguns conteúdos que os professores podem trabalhar em sala com os gêneros orais, como; debate, mesa redonda, seminários, entrevistas, saraus, depoimentos. Diante destas dicas, é necessário que o docente explique a forma como se trabalha cada um desses itens aos discentes, não apenas passa-los como forma, uma obrigação de atividades, mas sim explicar todo o conteúdo de forma que os mesmos se apropriem das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento da capacidade de expressão, no qual é a intenção do assunto citado.

Através dessas atividades em sala, o aluno consegue se expressar melhor. Diante de uma pesquisa feita pela autora Bentes (2010) sobre exposição oral de alunos numa sala de aula, são evidenciados que os mesmos não demonstram comportamentos devidos perante um seminário, exposição de um trabalho oralmente, uma vez que a maioria se mostra inseguros, não conseguem se expressar olhando para a plateia, mas que alguns se sobressaíram por ler em voz alto o texto pesquisado.

Ao observar as atividades de exposição oral desenvolvidas pela turma com orientação da professora de língua portuguesa, o autor conclui que a grande maioria dos alunos não explora, no curso de sua exposição, o contato visual com a plateia, preferindo manter os olhos fixos no papel ou pela aba do boné usado. Esse grupo de alunos não tomou consciência da importância da voz, do olhar e da atitude corporal para a execução de uma exposição oral (BENTES, 2010, p. 134).

Assim, a partir dessas observações os professores devem trabalhar cada

dificuldade do aluno, orientando sobre os trabalhos ofertados. Ademais, Bentes (idem) afirma que em uma mesma sala os alunos expõem diferentes formas e modos de falar. Logo, é necessário que o docente dê oportunidade de estes refletirem cada modo, gesto que utilizam em uma apresentação. O professor pode até mesmo, expor suas próprias experiências, para que o aluno possa sentir-se mais seguro.

O trabalho didático com o gênero exposição fornece ao aluno uma variedade complexa de conhecimentos práticos, e deve ser trabalhado várias vezes durante a escolaridade, por ser considerada uma das atividades mais antigas e eficazes para o aumento da capacidade comunicativas, e também por colaborar na formação dos educandos.

A exposição representa, no entanto, um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdo. Para a audiência, mas também e, sobretudo para aquele (a) que a prepara e apresenta, a exposição fornece um instrumento de aprender conteúdos diversificados, mas estruturados graças ao enquadramento viabilizando pelo gênero textual. A exploração de fontes diversificadas de informação, a seleção das informações em função do tema e da finalidade visada e a elaboração de um esquema destinado a sustentar a apresentação oral constituem um primeiro nível de intervenção didática, ligado ao conteúdo (DOLZ; SCHNEUWLY *et al*, 2004, p. 184).

Esse gênero permite que o aluno tenha conhecimento aprofundado de determinados conteúdos, uma vez que através do trabalho de exposição estes devem pesquisar, analisar o que vai ser apresentado para o público, enriquecendo seu conhecimento e do auditório. Para se obter um bom resultado da exposição, é necessário um planejamento, instrui-los no que deve dizer, para que sejam coerentes e objetivos. Assim, essa atividade colabora para que o estudante se sinta valorizado e envolvido num processo significativo de aprendizagem.

O debate é uma das atividades também de grande relevância para os estudantes. E assim como os outros precisam de planejamento, onde o professor apresenta o tema, e deve oferecer-lhes conteúdos sobre os assuntos, informações para permitir uma troca de ideias, para que os mesmos possam refletir com mais profundidade na hora da apresentação.

O debate se torna uma atividade interessante, pois os alunos, muitas vezes, gostam de expor suas ideias a respeito de determinados assuntos que nem sempre são tratados nos livros didáticos. Além de evitar conversas paralelas entre os alunos que não progridem no seu aprendizado. Dolz, Schneuwly e Pietro (2004): faz

algumas considerações a respeito do trabalho com o debate público:

- O debate, que desempenha um papel importante em nossa sociedade, tende igualmente a tornar-se necessário na escola atual, na qual fazem parte dos objetivos principais as capacidades dos alunos para defender oralmente ou por escrito um ponto de vista, uma escolha ou um procedimento de descoberta.
- -Esse gênero pertence claramente às formas orais da comunicação (o que não significa que a escrita esteja aí totalmente ausente) e inclui um conjunto de capacidades privilegiadas nesse modo de comunicação: gestão da palavra entre os participantes, escuta do outro, retomada de seu discurso em suas próprias intervenções etc;
- -O debate coloca assim um jogo capacidades fundamentais, tanto dos pontos de vista linguísticos (técnicas de retomada do discurso do outro, marcas de refutação etc.), cognitivo (capacidade crítica) e social (escuta e respeito pelo outro), como de ponto de vista individual (capacidade de se situar, de tomar posição, construção de identidade.);
- -Além disso, trata-se de um gênero relativamente bem definido, do qual frequentemente os alunos têm certo conhecimento sobre qual podem se apoiar (DOLZ; SCHNEUWLY; PIETRO, 2004, p. 214).

Esse gênero se torna fundamental na escola, pois os alunos desenvolvem também diversas habilidades como, estimular o desenvolvimento do pensamento crítica a prática com a linguagem, além de auxilia-los no processo de desenvolver o raciocínio lógico, entre outros. E o mais importante oferecer aos alunos oportunidades de conhecerem um pouco sobre assuntos que não são tratados na escola com frequência.

Bentes (2010), também sugere algumas atividades para trabalhar em sala de aula com gêneros orais para melhor desenvolvimento dos alunos, como; uma matéria jornalística, desenvolvida na sala através de entrevistas, reportagem ao vivo, um trabalho comunicativo, considerado um dos privilegiados, por desenvolver diversas atividades, como a própria interação entre os sujeitos que participam do trabalho, o monitoramento com sua fala, e o cuidado com a produção e o domínio da produção discursiva.

Além disso, os alunos passam a ter uma postura diferente, aprendem a ouvir o colega, a compreender melhor os assuntos abordados, e a refletir sobre sua própria linguagem, gestos, olhar e expressão facial em uma apresentação. Sendo assim, o professor precisa também refletir sobre esse objeto de ensino, dar oportunidades aos discentes de sentir desejo de pesquisar, em buscar novos conhecimentos, de novas informações.

À medida que os alunos avançam na escolaridade e a sala de aula passa a ser o lugar social onde acontecem fundamentalmente aulas expositivas, ocorre uma mudança drástica na interação entre professor e alunos. O principal objetivo do professor, nesse contexto, passa a ser o de transmitir informações. Disso decorre que sua fala é a mais importante e a predominante na sala de aula. O diálogo, quando estabelecido na sala de aula, é incentivado apenas para que os alunos confirmem, parafraseiem ou complementem as informações que estão sendo fornecidas pelo professor. É nesse contexto que se forma o discurso da aula, caracterizado principalmente pela perda do reconhecimento do outro como interlocutor e pela flutuação entre presença e ausência do aluno em termos cognitivos do que acontece na sala de aula (BENTES, 2010, p.146).

Deste modo, os alunos não desenvolvem suas habilidades discursivas, é preciso novos objetos de ensino, e que o professor não se sinta apenas como mediador, mas que considere o aluno como parceiro de trabalho, que não contemple apenas a sua fala, mas que possa dar oportunidade aos alunos de expressar sua opinião também sobre determinados assuntos. É assim que os gêneros orais devem ser trabalhados, com intuito de prepara-los para agir, respeitar e compreender a sociedade, não apenas no âmbito escolar, mas fora também.

Nesse sentido, as características dos gêneros orais, são adquiridas através das atividades promovidas na sala de aula pelo professor. É por meio delas que os alunos passam a desenvolver entonações, consegue obter o domínio o tom de sua voz e aperfeiçoar a escrita, entre outras habilidades. É necessário apenas que o professor forneça o trabalho com o gênero de maneira correta para o aluno progredir.

Assim Dolz e Schneuwly (2004), afirmam que objetivo da escola quanto ao gênero é levar o aluno ao domínio deste saber exatamente como funciona nas práticas de linguagem, criando, assim, situações em que possam reconhecer e fazer uso, a fim de alcançar o alvo desejado.

2.2.2 Oralidade versus Oralização

A escola sempre se preocupou muito mais com a escrita, deixando para depois a fala, ou seja, muitas vezes o próprio professor deixa em segundo plano o trabalho com a fala, e isso é bem contraditório já que a criança vem de casa com a fala, podendo na escola apenas moldar, porém o educador faz questão de praticar e afeiçoar a escrita pensando que a fala não é necessária ser praticada, já que este aluno chega à escola com essa habilidade. Assim, um dos problemas da oralidade

em ser aplicada em sala de aula é a confusão que existe entre Oralidade e Oralização, percebe-se que este termo é utilizado como sinônimos, ou seja, tratam ambos como se fosse a mesma habilidade, onde apresentar uma leitura frente à turma é como se fosse oralidade e na verdade essa é uma atividade de Oralização.

Oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora que vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso (...) (MARCUSCHI, 2004, p. 25).

Marcuschi (2004) define Oralidade, como uma prática comunicativa utilizada com vários gêneros textuais, ela é vista como atividade interativa e complementar, muitos livros didáticos recomendam atividades para responder oralmente questões propostas, fazer leitura em voz alta, debater sobre um assunto polêmico, o que Marcuschi (2004) definiu como atividades de Oralização da escrita, ou atividades que partem de textos escritos.

Apesar disso, a crítica do autor fala sobre o conhecimento da linguagem oral que pode estar em construção em nessas situações, onde o professor pede para o aluno ler algo que foi pensado e feito por outra pessoa somente decodificando, repassando pensamento de outrem, impossibilitando até mesmo o próprio aluno de mostrar seus dons de criação.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (BRASIL, 1998, p. 67).

Contudo, ensinar a língua oral deve ser um processo de conhecimento entre professor e aluno, conhecer primeiro o que seria a oralidade para que não haja confusão, somente dessa maneira, se pode chegar no objetivo de se desenvolver a oralidade. Utilizando a formalidade na fala, empregando os gêneros ao seu favor, o educador pode trabalhar na sala de aula os gêneros entrevista, o próprio debate provocando discussões onde cada aluno pode expressar sua opinião. Há muitas formas de se trabalhar oralidade com os alunos, sem necessariamente confundi-las.

- Preparar os alunos para dominar sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana, oferecendo-lhes instrumentos precisos, e mediatamente eficazes, para melhorar suas capacidades de escrever e de falar;
- Desenvolver no aluno uma relação consciente e voluntária com seu comportamento de linguagem, favorecendo procedimentos de avaliação formativa e de autor regulação;
- Construir nos alunos uma representação da atividade de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho, de uma lenta elaboração (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 93).

O trabalho com a oralidade requer desenvolvimento e habilidade com a fala, e para isso precisa-se aperfeiçoá-la, ensinando como deve ser usada, treinando-a, assim é necessário que o professor diferencie a oralidade da Oralização, para que não haja dúvida e muito menos aprendizado errado, deve-se trabalhar o debate, apresentações teatrais, onde a fala é desenvolvida espontaneamente. Contudo, a exemplo de Oralização os PCN's (2002, p.37) instruem:

- atividades de produções de textos (palestras, debates, seminários, teatro etc.) em eventos da oralidade;
- atividade de escuta de textos (palestras, debates, seminários etc.) em situação de leitura em voz alta;
- atividades de retextualização: produção escrita de textos a partir de outros textos, orais ou escrita, tomada como base ou fonte;
- atividades de reflexões sobre textos, orais e escritas, produzidas pelo próprio aluno ou não (BRASIL/ PCN, 2002, p. 37)

Nesta perspectiva, estas atividades de Oralização citadas acima são as mais praticadas na sala de aula requerida pelo próprio professor como se fossem de oralidade, e dessa forma o aluno aprende de forma errônea, transferindo esse conhecimento mais à frente, estas atividades também servem para enriquecer a fala do aluno em público, porém não são revelações de oralidade naturais, ajudam, mas não são suficientes para o seu convívio e atuar na sociedade onde requer em uma entrevista de trabalho uma ótima oralidade, ao praticar tais exercícios os alunos estarão praticando a Oralização da escrita.

Contudo, a Oralidade e a Oralização geram sempre dúvidas ao se debater sobre tal assunto, porém ao defini-la percebe-se que há diferenças e semelhanças onde a oralidade é o ato de se expressar via oral e a Oralização também, contudo, a Oralização vem como se fosse algo planejado, da escrita para a fala já a oralidade vem do pensamento para o oral, ou seja não é tão planejado quanto o oral e menos ainda escrito para se ler.

Assim, faz-se necessário um estudo voltado para essas duas modalidades,

pois os alunos devem desenvolver e entender essas distinções dos gêneros orais, uma vez que os livros didáticos não contemplam atividades voltadas para a interação, apenas vem como questões propostas para fazer leitura em voz alta ou debater sobre um tema sugerido. Então, para que haja compreensão, é necessário que o aluno seja orientado quanto a diferença, ou qual o gênero está sendo trabalhado.

2.2.3 Capacidade de desenvolvimento da habilidade Oral

O principal objetivo do ensino de Língua Portuguesa é a adequação eficiente tanto da comunicação oral quanto da escrita. É necessário garantir a cada aluno o desenvolvimento de competências específicas no domínio oral, essa capacidade implica na seleção dos saberes linguísticos e sociais, e supõe uma atitude de interação para conhecer o papel desempenhado pelos falantes em cada tipo de situação.

Nesse contexto, a fala é uma das principais formas de comunicação humana, que tem como função transmitir informações e manter relações sociais. Desse modo, essas habilidades se manifestam através de atividades linguísticas básicas de produção, expressão e interação oral. Nessa perspectiva, faz-se necessário o desenvolvimento dessas habilidades linguísticas, através de atividades que permitam o despertar do aluno quanto a essas estruturas.

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola construir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidades. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1998, p. 49)

Dessa forma, os professores devem planejar atividades cotidianas envolvendo a fala, e a reflexão sobre a língua. Assim, ampliam a capacidade de comunicação, expressando suas opiniões, ideias, entre outros, com mais facilidade. A oralidade é uma habilidade imprescindível para o convívio social, e o educador por estar ciente deve proporcionar o aluno as mais variadas práticas para que os mesmos possam desenvolver e explorar suas capacidades comunicativas e sociais.

É importante que o professor valorize esse aprendizado, pois há uma diversidade de ideias e produções que podem ser realizadas na sala de aula, onde o

desenvolvimento com a oralidade possa significar para os alunos uma habilidade indispensável para o convívio social nas mais diversas instancias. Acontece, que muitas das vezes, devido à falta de objetivos e técnicas o trabalho com a oralidade se torna rotineiro, sem conteúdo e finalidade.

A linguagem evolui dentro das possibilidades de cada aluno, em situações ricas de estímulo e satisfação, num clima emocional e convidativo. Quando o ambiente escolar favorece a expressão espontânea, a criança manifesta-se livremente sem problemas e sem constrangimento (ARAÚJO,1965, p. 65).

Trabalhar com a oralidade significa desenvolver habilidades linguísticas de falar e escutar. E como já foi mencionado, deve ser aperfeiçoado desde o primeiro contato com a escolaridade, faz-se necessário que a escola ponha em relevância o seu papel no ensino aprendizado, possibilitando um ambiente de confiança e respeito, onde os alunos possam falar opinar, enfim que possam se expressar livremente.

Deste modo, o professor deverá criar situações, promover atividades apropriadas para incentivar os alunos de forma que os mesmos se tornem mais comunicativos. Assim, um ambiente rico em atividades significativas em que os alunos passem das situações mais informais que já dominam ao entrar na escola, para situações mais estruturadas, formais, é um grande passo para que possam reconhecer seus modos de funcionamento e aprender a utiliza-las.

O desenvolvimento das capacidades de linguagem constitui-se, sempre, parcialmente, num mecanismo de reprodução, no sentido de que modelos de práticas de linguagem estão disponíveis no ambiente social e de que os membros da sociedade que os dominam têm a possibilidade de adotar estratégias explícitas para que os aprendizes possam se apropriar deles (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 44).

Nesse contexto, para garantir um ensino de eficaz os educadores devem priorizar a essência do próprio aluno. Uma educação de qualidade que propicia o desenvolvimento, de competências e habilidades, por parte do aprendiz deve estar sempre atenta quanto ao seu aprendizado valorizando a construção do seu próprio conhecimento. Segundo os mesmos autores, a capacidade atestada pelos comportamentos dos alunos é considerada como produtos de aprendizagem sociais anteriores e fundam as novas aprendizagens sociais.

A formação desses conceitos tem grande relevância no currículo escolar, pois

implica em organizar condições e planejar estratégias que possa favorecer a aprendizagem. E o docente é um dos membros principais para que a escola possa cumprir sua função na constituição na sociedade, ou seja, que ambas estejam organizadas em prol da aprendizagem, na formação integral do educando.

As estratégias de ensino supõem a busca de intervenções no meio escolar que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor mestria de gêneros e das situações de comunicação que lhes correspondem. Trata-se, fundamentalmente, de se fornecerem aos alunos os instrumentos necessários para progredir (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.45).

Os autores complementam que se deve partir da produção inicial de um gênero, identificar as dificuldades de linguagem dominadas pelos aprendizes e, em seguida, atuar como intercessor no processo ensino/ aprendizagem. Logo, é necessário que o professor ofereça condições ao aluno para que ele possa avançar, para que isso ocorra o docente deve se apropriar, e programar atividades por meio de sequencias didáticas adaptando as capacidades e dificuldades dos alunos, para trabalhar nas instituições escolares.

A educação em geral. Tem como princípio aproximar o aluno do mundo ou o meio em que vive, através da interação, desenvolvendo a capacidade e o domínio da linguagem, adaptando a diferentes situações. E a melhor maneira de se chegar a esse objetivo é trabalhando com a diversidade existente dos gêneros, no qual pode ser trabalhado desde as séries iniciais, pois constituem uma condição propícia para que o aluno saiba lidar tanto com a escrita quanto com a fala. Isso resulta em um trabalho progressivo e aprofundado e que é aperfeiçoado, de acordo com a necessidade da comunicação.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para a construção desta monografia foi empregada à pesquisa bibliográfica. Na realização deste trabalho bibliográfico foram utilizadas diversas fontes de pesquisas publicadas tanto por meios eletrônicos, quanto por escritos, tais como artigos, sites e livros. De acordo com Cervo e Bervian (2002, p.65).

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto tema ou problema.

O autor aborda que na referência bibliográfica recorreremos ao uso de documentos já publicados para a realização e fundamentação de um trabalho, e que nessas publicações há a necessidade de investigar os temas abordados para a solução do problema o qual procuramos resolver.

De acordo com Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já avaliadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador avaliar o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam exclusivamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Para Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são "sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema. Toda a pesquisa baseia-se na análise de temas voltados para a temática do trabalho em construção".

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009) A pesquisa bibliográfica é considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas.

3.2 COLETA DE DADOS

Conforme afirma Gerhardt e Silveira (2009) a coleta de dados é a busca por documentos para a explicação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer mostrar. O instrumental técnico elaborado pelo pesquisador para o registro e a medição dos dados deverá preencher os seguintes requisitos: validade, confiabilidade e precisão. Para a construção da coleta de dados desse trabalho, foram realizadas pesquisas, todas pautadas em recursos bibliográficos.

Para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) utilizou-se estratégias baseadas em pesquisas e por meio destas alcançou o resultado almejado, visto que conseguiu apresentar sugestões metodológicas utilizando a paródia e alcançou saberes acerca dos assuntos abordados.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 PERTINÊNCIA TEÓRICA E METODOLÓGICA DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

De acordo com a Fundamentação Teórica deste trabalho, foram selecionadas algumas propostas de Gêneros Orais baseados nas sugestões de alguns linguistas que abordam o ensino da língua oral como um ato de falar apenas, mas que requer a evolução e o domínio dos gêneros que facilitam a aprendizagem da Língua Portuguesa tornando o aluno um competente comunicativo que seja capaz de se expressar oralmente em quaisquer ambientes em que estiver inserido.

Dentro da revisão literária dos autores até mencionados, compreende-se que o aluno poderá adquirir habilidades para ministrar uma palestra, expor trabalhos acadêmicos, argumentar diante de uma plateia, contar uma piada numa rodada de amigos, entre outras situações. A grande questão é que esse aluno perceba a diferença de público em que está inserido considerando a variedade linguística que será usada no ato da fala. Além disso, é preciso que o aluno compreenda a diferença entre oralidade e oralização, no sentido de que suas práticas sejam direcionadas de modo espontâneo e eficiente.

Dessa maneira, os gêneros orais que envolvem habilidades de improvisação e argumentação, são os mais indicados. Portanto, alguns gêneros orais (entrevista, debate, teatro, contos orais, sarau, palestra, entre outros) serão apresentados como propostas de atividades, que podem instrumentalizar os professores de 9º ano do Ensino Fundamental, para que o desenvolvimento da Oralidade em sala de aula ocorra de forma eficiente e eficaz, capacitando os alunos a se tornarem estudantes e pessoas mais bem-sucedidas.

Deste modo, tem-se como resultado de pesquisas bibliográficas atividades que podem tornar o Ensino da Língua Portuguesa mais dinâmico e promissor, conforme Bussato (2010) afirma “o exercício da fala capacita o aluno a argumentar, a pregar, ou seja, a ter pontos de vista. Além de estimulá-lo a se expressar, a refletir sobre as diferentes formas de linguagem”.

4.1.1 Atividade 01: Gênero Oral Debate

Para o desenvolvimento dessa atividade, é necessário explicar ao aluno o que ele fará, que objetivo deverá atingir e que resultado se espera dessa atividade. Essa primeira etapa é essencial para que a atividade tenha bom andamento e conclusão. Trata-se de um debate presidido por regras que definem quem fala em nome de quem fala, quanto tempo fala como ouve as réplicas e como faz a tréplica. Há quatro etapas principais para o desenvolvimento da atividade, após a definição das regras, que podem ser apresentadas pelo professor e submetidas às sugestões da classe.

A primeira etapa é a definição do tema. A providência inicial é expor aos alunos um conjunto de textos motivadores, que tanto podem ser reportagens de jornais, cartas de leitores, pinturas e fotografias, trechos de romance, poema ou crônica. Não se pode oferecer um tema vasto como “A vida nas cidades hoje”, por exemplo, mas é fundamental circunscrever um problema que, delimitando uma questão pontual pertinente ao mundo conhecido pelos alunos, seja capaz de permitir a manifestação de pontos de vista diferentes.

Seriam temas produtivos, por exemplo, a instalação de portos em hidrovias aos arredores da cidade (danos ao meio ambiente *versus* geração de emprego), a construção de um shopping popular no lugar de uma escola (necessidades pragmáticas de emprego, opção de compras e vendas *versus* tradição escolar e educação), a derrubada de casas antigas para alargamento de uma avenida, a fim de adequá-la ao movimento crescente do trânsito (tradição *versus* progresso), etc.

Definido o problema, passa-se à fase de preparação do debate, que abrange busca de informações, definição de um roteiro e planejamento de atitudes. Os alunos dividem-se em grupos e pesquisam sobre a questão indicada, consultam os textos lidos e ampliam a informação, recorrendo à internet, a livros e artigos indicados pelo professor da disciplina ou de disciplinas afins. Devem tomar notas e isso permitirá uma boa articulação com produção textual, ensinando-se a fazer notas de leitura ou fichamento, dois gêneros muito necessários ao desenvolvimento de eventos argumentativos.

Passa-se em seguida ao roteiro, que é outro gênero escrito de apoio ao debate oral. Os alunos, em grupo, após trocar informações que terão anotado, preparam um roteiro, com uma lista de argumentos a favor de determinado ponto

de vista. Devem ser registrados dados, números, casos que concretizem a argumentação. Em seguida, os argumentos devem ser organizados em ordem de apresentação.

Pode-se começar por um argumento geral, de impacto, passar para o registro de fatos e concluir-se com outro argumento geral, de síntese. Podem ser também estudadas formas de articular, conectar os argumentos, encadeando-os por relações de progressão, de causa e efeito, de anterioridade e posterioridade. A escolha de conectores adequados ao estabelecimento dessas relações liga a atividade de expressão oral a uma questão gramatical relevante.

A previsão da atitude a ser assumida no debate tem grande importância nesse estágio do trabalho: sem exacerbação apaixonada, mas também sem ausência de emoção. Os alunos podem discutir, nos grupos, a melhor forma de encontrar um meio termo entre esses dois polos tão comuns em debates de opinião. Passa-se então ao debate, definido pelas regras estabelecidas anteriormente em relação a quem toma a palavra, de quanto tempo dispõe, como são feitas as réplicas e as tréplicas. As regras devem ser divulgadas antes e presas no quadro ou no mural da sala de aula. Um moderador deve ser escolhido, para fazer cumprir as regras.

Ao final da atividade, haverá a etapa de avaliação, que deve explorar menos uma resposta à questão “quem ganhou o debate?”, mas a aprendizagem de uma situação em que todos se enriqueceram pela expressão de opiniões diversas e respeito a pontos de vista divergentes. Deve-se ainda estimular a discussão sobre a relação entre o debate e a formação de cidadãos conscientes e participantes. Estimula-se, assim, o que Bentes (2010, p. 87) afirma ser “tanto a questão do desenvolvimento da capacidade de argumentar quanto à vinculação dessa capacidade à aquisição de uma atitude política, socialmente engajada”.

A atividade oral poderá culminar com alguma produção escrita do tipo dissertativo, com textos de gêneros preponderantemente argumentativos ou opinativos, como carta de leitor, abaixo-assinado, editorial de jornal, etc. Em tais manifestações da expressão escrita, questões gramaticais como a dos encadeadores da coerência textual, que consolidam relações lógicas de causa, consequência, concessão, entre outras, estarão presentes, bem como a sugestão de fórmulas para iniciar, desenvolver e concluir ideias, sem que o enunciado se perca do núcleo temático e do ponto de vista previamente amadurecidos.

4.1.2 Atividade 02: Gênero Oral Entrevista

Segundo Travaglia (2001, p. 51) “a linguagem oral precisa ser desenvolvida de forma planejada em situações informais e formais de ensino”. Partindo desta hipótese, o professor como mediador deve oferecer ao aluno atividades em que este possa reconhecer a linguagem formal e informal e saber aplicá-la nas mais diversas situações de comunicação.

Diante disto, se propõe a atividade com o gênero oral entrevista. Primeiramente, devem-se explicar na sala de aula sobre esse gênero os objetivos que pretende alcançar de forma que estimule os alunos a pesquisarem, a ter o máximo de informações possíveis para resultar em um bom trabalho. Trata-se de uma atividade que pode proporcionar aos discentes um conhecimento mais amplo, a trabalhar em conjunto, além do reconhecimento da linguagem formal e habilidades orais.

A primeira etapa da atividade é apresentar aos alunos diversos exemplos de entrevistas, para que os mesmos se sintam seguros ao elaborar sua própria entrevista. Apresentar o roteiro no qual deve ser seguida a atividade, a elaboração de um roteiro escrito que servirá como apoio para sua prática oral, no qual deve ter um objetivo claro para que o entrevistador não se perca quanto à finalidade do trabalho.

O segundo passo é a escolha de um tema, os alunos devem escolher um assunto relevante. A turma poderá dividir-se em grupos para discutir a respeito da produção do trabalho. O professor ajudará na escolha, a sugerir algumas pessoas importantes a falar suas experiências de acordo com o tema escolhido. E discorrer que se trata de um gênero relacionado à fala, de interação e precisa de certo formalismo e uma postura adequada para atingir o alvo do trabalho.

Feito este processo, e já escolhido a pessoa a ser entrevistado, o próximo passo será a elaboração das perguntas, no qual exige atenção, muita cautela na sua preparação, exigindo o acompanhamento do professor. Esta deve elaborar perguntas pertinentes ao tema em destaque e que desperte o interesse do entrevistado e dos ouvintes.

Diante das perguntas elaboradas e revisadas pelo professor, este marcará os dias de apresentação de cada grupo. O ideal é que a entrevista seja ao vivo na sala de aula. O professor pode sugerir que o aluno convide a pessoa a ser entrevistados

para que se faça presente no dia marcado de sua entrevista. E que faça uma pesquisa relacionada à sua profissão a fim do esclarecimento do “por que” foi escolhido para a entrevista. Passa-se então a entrevista que deverá seguir o roteiro de acordo com o planejado.

De início, o entrevistador faz uma breve biografia do entrevistado, é importante que os ouvintes possam conhecer um pouco a pessoa entrevistada. Essa atividade exige que os alunos se dediquem, pesquisem o que for necessário para ter o conhecimento e desenvolver com competência e habilidade a atividade exigida.

Além de proporcionar um vasto conhecimento sobre diversos assuntos, tem-se o que Soares (2004, p.48) orienta a fazer que é: “trabalhar com entrevista para ofertar aos alunos uma boa desenvoltura quanto oralidade, o reconhecimento de uma linguagem formal (...) nesse processo de ensino é importante a reflexão da língua oral de maneira contextualizada”. A atividade finalizará com os alunos expondo para os colegas o que conseguiram assimilar, e se gostaram da experiência adquirida com o trabalho.

4.1.3 Atividade 03: Gênero Oral Histórias Mirabolantes

É comum nas escolas desde as series iniciais o professor contar histórias, contos, lendas, etc. aos seus alunos, uma vez que a leitura está sempre presente na vida dos discentes, por meio dela que os mesmos desenvolvem tanto a oralidade quanto a escrita. E esta deve estar inserida no plano de aula do ano letivo. Expor em classe algumas lendas do conhecimento do professor, explicar que estas fazem parte do nosso aprendizado também, esclarecer os objetivos de se trabalhar este tipo de assunto em sala de aula.

Nos dias atuais se tornam necessárias atividades voltadas para a exposição dos alunos, pois os mesmos chegam à sala de aula com energia para falar, relatar algo que aconteceu no seu dia a dia, é uma oportunidade de o professor trabalhar a oralidade de seus alunos, dando chance a falarem, a compartilhar algo que já ouviram até mesmos dos seus avós, histórias fantásticas que segundo eles aconteciam no passado.

O primeiro procedimento para que essa atividade seja realizada, é a seleção de algumas histórias mirabolantes para ser contada na turma pelo professor, o mesmo pode solicitar que os alunos façam um círculo na sala para que assim possa

acontecer a socialização dos demais que também conhecem alguma história deste tipo e possa compartilhar com os colegas.

Em seguida, solicitar que os alunos pesquisem com seus parentes mais velhos histórias deste tipo para partilhar com os colegas. Uma forma de socializar com os demais por meio de informações sobre culturas, tradições que fazem parte de experiências vividas e comuns ao longo do tempo.

E, para finalizar a atividade, o professor deve pedir que os alunos formassem grupos para realizar uma pequena demonstração encenada de alguma lenda que lhe chamara mais atenção. Essa atividade além de tornar as aulas dinâmicas, os alunos perdem mais o medo de falar, de expor suas experiências quanto o conhecimento de mundo que também fazem parte da vida do aluno.

Essa atividade proporciona o que Soares (2004, p. 46) afirma ser necessário que “reconhecer a linguagem informal como parte primordial do processo de aquisição da linguagem oral (...) ela pode ser inserida nas conversas na sala de aula no momento de interação, descontração”. E o professor, como mediador, pode proporcionar aos alunos sem que haja a necessidade de corrigi-los no momento em que se expressam. Apenas pode colocar em foco em relação as linguagens que são usadas de acordo com cada trabalho.

4.1.4 Atividade 04: Gênero Oral Piada

Por ser um gênero textual humorístico, a piada pode ser trabalhada na sala de aula com intuito de promover a alegria e ao mesmo tempo o reconhecimento de um pequeno texto narrativo, que geralmente são contadas em ambientes informais, mas com presença de enredo personagem, tempo e espaço. E apresentar essas características deste gênero aos alunos se torna importante para o andamento da atividade.

O primeiro procedimento a ser feito pelo professor é comentar sobre a temática principal que pretende ser alcançada diante da atividade. Pode organizar a turma em uma roda, depois de explanar os pontos relevantes, se gostam ou conhecem alguém que costuma contar piadas, e que lugares costumam ouvir esse tipo de gênero. Enfatizar para os alunos que a piada deve ser bem contada para que o ouvinte entenda o significado da mesma e que as expressões também contam muito para a interpretação do texto lido.

O docente pode selecionar algumas piadas, conta-las para a turma, é importante que o professor faça a escolha das piadas atentando para que não sejam de cunho preconceituoso ou chulo, e assim motiva-los a participar da aula. Em seguida, o docente deve selecionar algumas piadas colocar em uma caixa e solicitar que participem tirando uma piada da caixa e ler para a turma. Torna-se uma atividade dinâmica e prazerosa para os alunos.

Logo após a leitura das piadas o professor pode alertá-los sobre alguns gêneros deste tipo que passam ideias preconceituosas principalmente com pessoas negras, idosos e loiras, e temos que ter cuidados ao conta-las, para que alguém que estar próximo não se sinta ofendido.

Para finalizar, o professor pode propor um concurso de piadas, onde os alunos escolhem uma anedota para apresentar oralmente para toda a turma, incentivando principalmente aqueles mais tímidos, para sobressaírem de forma descontraída. Conforme alerta Bezerra (2010, p. 61), “é importante a docente revisar as piadas a serem lidas, para que não haja constrangimento devido não está de acordo com a temática do trabalho sugerido”.

É interessante ao final, a escolha da melhor piada contada sendo observados todos os itens que constituem este gênero. Analisando se realmente foi alcançado o objetivo da atividade.

4.1.5 Atividade 05: Gênero Júri Simulado

Este é uma ótima opção de trabalho na sala de aula, uma vez que o júri simulado pode ser trabalhado diversos assuntos que estão na mídia. Essa atividade, segundo Rojo (2009, p. 61) “põe em prática o senso crítico dos alunos, análises do tema em questão, além de uma boa desenvoltura quanto à oralidade”. De início, é preciso explicar ao aluno o que ele desenvolverá nesta atividade abordando os objetivos e o que se espera ao finalizar a atividade.

Apresentar um tema polêmico aos alunos como, por exemplo, (o caso da lava jato), discutir, comentar para verificar se os mesmos possuem interesses por essas informações, argumentar o quanto é importante que eles se disponham para conhecer tais problemas que envolvem, atinge o nosso País. Essa atividade pode proporcionar aos alunos o desenvolvendo quanto ao senso crítico, entre outros.

Ao iniciar o professor deve pedir que pesquisem, que coletam o máximo de

informações possíveis, para então dar início ao trabalho. Primeiramente, o professor precisa apresentar aos alunos os componentes de um júri com exemplos para que possam desenvolver a atividade de maneira correta.

Em seguida, é preciso solicitar que dividam a turma em dois grupos para que os mesmos com as informações em mãos, conversem, discutam entre si e apresentem uma simulação contendo todos os representantes de um júri. É importante que o professor oriente os mesmos para que não haja ofensas quanto a opinião dos colegas, e sim o consenso para que o trabalho possa atingir o objetivo esperado.

Ao fazer esta exposição os alunos passam a evoluir a facilitar quanto sua competência comunicativa, ter consciência crítica a respeito de assuntos que envolvem a sociedade e, de modo geral, entender que sua opinião pode e deve ser ouvida e respeitada. Ao final da atividade, propor uma reflexão, e concluir que todos saíram ganhando com a atividade posta em prática.

4.1.6 Atividade 06: Gênero Oral Reportagens ao Vivo

Conforme Rojo (2009, p. 37) trabalhar o Gênero Reportagem na sala de aula pode proporcionar aos alunos momentos agradáveis de leitura, informações, além de estarem aperfeiçoando seu discurso. Assim, o trabalho se torna mais produtivo e os alunos sentem-se mais estimulados a participar das aulas.

A primeira etapa para realizar este trabalho é apresentar aos discentes como funcionará, apresentando algumas propostas através de exemplos, propondo que façam pesquisas relacionadas ao assunto proposto, a fim de realizarem um bom trabalho.

O segundo passo pedir que formem grupos para trabalharem de forma coletiva. Apresentar algumas reportagens, para analisarem a estrutura que a compõem. Discorrer sobre algumas situações que podem ser trabalhadas na reportagem. Em seguida, solicitar que façam um esboço apresentando o tema que os mesmos pretendem abordar em sua reportagem com a orientação do docente, para que este possa direcionar passo a passo o trabalho.

Para finalizar, propor aos alunos para apresentar sua reportagem na forma de um jornal televisivo na sala de aula, fazer uma simulação do que foi preparado, observando todos os aspectos que fazem parte deste gênero. E ao final discorrer

sobre o que puderam assimilar com a atividade posta em prática.

4.1.7 Atividade 07: Gênero Oral Publicidade em Feira Livre

Um dos objetivos principais da escola é garantir que os alunos consigam falar de maneira adequada, além de ouvir e compreender os seus interlocutores. Para que isso ocorra de maneira eficaz é necessário que o professor juntamente com a coordenação pedagógica elabore atividades que ampliem o desenvolvimento do aluno para argumentar, falar de modo claro sobre o que pensa, e sobretudo, respeitando a opinião dos colegas para que eles sejam também respeitados.

Diante disto, se deve procurar trabalhar sempre em prol da comunicação dos alunos e, para isso, existem diversas atividades que possibilitam tal desenvolvimento, como o que sugere Matta (2009, p. 80) “atividades simulares que garantem que os alunos consigam oralizar de maneira eficaz de acordo com a situação que se encontrem”. Assim, um dos gêneros orais a serem trabalhados é a publicidade em feira livre.

Primeiramente abordar sobre o tema publicidade, é uma atividade que visa chamar atenção dos consumidores. Solicitar que formem grupos para que pesquisem a respeito do assunto, para discutir e apresentar os principais pontos, e logo mais explicar a atividade a ser desenvolvida de acordo com a pesquisa.

Propor que os grupos já formados criem um produto, apresentando suas características e assim promover uma pequena feira para simularem uma propaganda, e através de um discurso bem elaborado vender seu produto. Esta atividade proporciona a usar sua criatividade, explorar alguns conteúdos relacionados à comunicação, proporciona a interação dos alunos com a linguagem publicitária.

São diversas as maneiras que podem ser trabalhados a oralidade na disciplina de Língua Portuguesa. Atividades como esta, o aluno adquire interesse pela leitura, a produzir textos interessantes, passam a observar e melhorar seu discurso diante de situações corriqueiras.

4.1.8 Atividade 08: Gênero Oral Conto Oral

De acordo com os postulados de Antunes (2007, p. 97) “os contos, são tipos de narrativas desde antigas civilizações, eram narrados de formas oralizada, pois não existiam naquela época os textos impressos, no qual hoje temos tanta facilidade de encontra-los”. Com o passar do tempo surgiram novas modalidades de conto, de acordo com a época e movimentos artísticos, que nos proporcionaram contos de amor, humor, fantásticos, realistas, psicológicos dentre outros.

Diante desta introdução, o professor poderá iniciar sua aula demonstrando para os alunos como surgiram os diversos contos que conhecemos hoje. Logo em seguida reúna-os em grupos peça que os mesmos pesquisem e leiam contos, e que selecionem um conto para trabalharem na sala.

Após a escolha do conto, é necessário que os alunos apresentem para o professor e para os colegas a sua escolha para que não haja contos repetidos no trabalho. Logo em seguida, o professor explicará como funcionará a próxima atividade relacionada ao conto escolhido.

O professor pode propor uma dramatização, onde os alunos poderão se reunir e discutir em grupo, e fazer até mesmo uma readaptação do conto escolhido, a fim de participarem não só da parte oralizada, mas também serem os próprios autores do conto.

Com o auxílio do professor na preparação da adaptação do conto, os alunos poderão dramatizar os contos escolhido nas suas adaptações para a turma. Após a apresentação os discentes deverão explicar aos colegas o porquê escolheu aquele conto para dramatizarem, e o que aprenderam com tal atividade. O professor poderá também fazer suas considerações a respeito do trabalho apresentado.

Trabalhar com este gênero oral, pode proporcionar ao aluno o interesse pela leitura, estimular a capacidade criativa enriquecendo seu conhecimento, além de desenvolverem sua oralidade de forma prazerosa mostrando que são capazes de criar e oralizar seu próprio conto.

4.1.9 Atividade 09: Gênero Oral Sarau

Para Soares (2004) oralidade é um importante instrumento no processo da comunicação, e para desenvolver este processo é necessária à elaboração de

situações autênticas de comunicação, para que a fala seja estimulada, organizada para então ser transmitida. E pensando nesta ideia se propõe o trabalho com o sarau, onde os alunos possam pesquisar materiais, informações, a fim de transmitir seus conhecimentos a outras pessoas.

O sarau pode ser desenvolvido na própria escola e deve ser orientado pelo professor. Propor um tema a ser trabalhado em que pode influenciar na sua oralidade. São diversos temas que podem ser destacados para o sarau, como por exemplo: sarau de poesias. É importante que o professor em suas aulas apresente autores e obras de poesias, pedir que os alunos pesquisem sobre a vida do autor e suas obras.

Após a escolha das poesias o professor pode propor aos alunos que se dividem em grupos e façam um pequeno projeto do que vai ser exposto no sarau, sempre com a supervisão do docente. Colocando em destaque a biografia do autor da poesia escolhida, como e de que forma vai ser apresentado o sarau, se é através de cartazes, banners, ou até mesmo data show se a escola possuir.

Feito o projeto, o professor poderá auxiliá-los no processo de organização da exposição. Os trabalhos iniciam da forma em que for selecionado. O professor deve explicar como quer que aconteçam as apresentações. É importante esclarecer que os mesmos devem estar preparados para argumentar sobre o que escolheram apresentar, não escrever nos “slides” todas as informações, pois esse material é apenas para dar suporte a sua explicação.

Uma das sugestões é que as equipes se dividam em sala, para arrumar seus cartazes ou o que planejaram para expor, e convidem os próprios alunos da escola, ou até mesmo seus familiares para assistir às suas exposições. Lembrando que existem outros temas a ser escolhido pelo professor, o sarau é um evento cultural que pode ser trabalhado temas relevantes na aprendizagem dos alunos, proporcionando o aprimoramento da fala em contato com o público ouvinte.

Estas são algumas propostas em que o professor pode adotar no seu plano de aula. Mas devem-se ter consciência de que existem outras atividades e maneiras que podem ser trabalhadas quanto ao desenvolvimento da oralidade do aluno. É importante ressaltar ainda, que no processo de aquisição da linguagem oral, o aluno extrai as regras da língua da comunidade onde está inserido e como elas constrói o seu próprio conhecimento.

Com essas atividades direcionadas ao uso da linguagem padrão, as regras de

domínios específicos como a fonologia, a sintaxe, a morfologia, a semântica e a pragmática são apreendidas de modo espontâneo. Se o professor não se atentar nas diferentes realidades em que os alunos vivem, se terá alunos que dificilmente poderão adquirir, modelos de linguagem diferentes do contexto familiar ou na comunidade em que se inserem, pois essa aquisição começa pelo respeito das suas diferentes variedades linguísticas. A escola terá, assim, uma função de padronização desses modelos de aquisição da linguagem oral, anulando possíveis diferenças inibidoras do sucesso escolar e da realização pessoal.

5 CONCLUSÃO

O ensino da oralidade na escola é fundamental, no entanto, através da pesquisa feita, é possível perceber que esta possui pouco espaço em relação às atividades em sala de aula, seja pela falta de incentivo por parte da coordenação pedagógica, ou até mesmo por indisposição do próprio professor. É evidente muitas das vezes o comodismo, ausência de inovação, que pode resultar em uma aprendizagem fracassada.

Os gêneros orais como objeto de ensino sendo incluso no plano de aula do ano letivo, pode proporcionar aos alunos um bom desenvolvimento da linguagem, uma boa comunicação, contribuindo para pôr em prática seus discursos de acordo no contexto que se encontrem. Nos dias atuais é importante formar pessoas com a finalidade de exercer a sua cidadania de forma eficaz e que se sintam qualificado para o mercado de trabalho ou até mesmo para progredir em estudos mais elevados.

É consensual entre os teóricos que os professores de Língua Portuguesa são muitos cobrados quanto ao desenvolvimento da linguagem do aluno. Vale ressaltar que não é tarefa apenas para o professor de Português, mas para todos os professores, pois a linguagem está presente em todo momento na vida de todos, e deve-se aperfeiçoá-la de acordo com as exigências da sociedade.

Deste modo, este trabalho procurou-se apresentar algumas propostas de atividades para serem trabalhadas na sala de aula, em prol do desenvolvimento da oralidade dos alunos. Entende-se que estas propostas não vão resolver todos os problemas em relação a falta do planejamento quanto aos gêneros orais, mas pode ser um grande instrumento, auxiliar do professor se este se disponibilizar e introduzi-las em seu plano de aula.

Portanto, através deste trabalho, oferece-se aos alunos meios que possam desenvolver a oralidade, explorando-as de maneira comum, ou seja, usando situações até mesmo do dia a dia. Pois o ensino de diferentes situações comunicativas orais é essencial para contribuir para a formação dos sujeitos que atuam ativamente na sociedade. Todo professor que leve a sério seu trabalho em sala de aula, terá essa pesquisa como uma grande aliada na prática docente em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: parábola editorial 2010.
- ARAÚJO Maria Yvonne Atalécio de. **Experiências de linguagem oral na Escola Primária**. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito, 1965.
- BECHARA, Evanildo. **A moderna gramática do português**. 37 ed. Rio de janeiro. Lucerna, 2001.
- BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar**: rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. Cap.6. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico metodológicos. *In*. DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, **Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos**. Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- AUXILIADORA, Maria. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa/ministério da educação. Secretaria da educação fundamental. 3.ed. Brasília, 2001.
- BRITO. Danielle Santos de. **A importância da Leitura na formação Social do Indivíduo**. Junho 1994. Disponível em: http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed
Acesso: 05 jun. 2022.
- BUSSATO, C. **Práticas de oralidade na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2010.
- DI NUCCI, Eliani Porto. Alfabetizar letrando... um desafio para o professor. *In*: LEITE, Sérgio Antonio da Silva. (Org.). **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas: Komedi Artes Escritas, 2001.
- DOLZ, Joaquim.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento *In*: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GERALDI, João. Wanderley. Da redação à produção de textos. *In*: GERALDI, J. W. & CITELLI, B. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, v. 1, 1997.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Org.) **Métodos de pesquisa**; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERALDI, João. Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português**. Cascavel: Assoes-te, 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOURLART, Iris Barbosa. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Oralidade e ensino, uma questão pouco ‘falada. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz. Antonio; XAVIER, Antonio. Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz. Antonio; XAVIER, Antonio. Carlos. **Da fala para a escrita**: atividades retextualização. 10 ed. São Paulo. Cortez, 2010.

MATTA, Sozângela Schemim da. **Português-linguagem e interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do livro LTDA. 2009.

OLIVEIRA, João. Batista. Araújo. et al. **A política do livro didático**. São Paulo: Unicamp, 1984.

PESSANHA, Eunize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. **A história da disciplina Língua Portuguesa no Brasil através dos manuais didáticos (1870-1950)**. Educação em foco, Juiz de Fora, 2003/2004.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; BATISTA, A. **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Que professor queremos formar?** *In*: Boletim da Associação Brasileira de Linguística. Fortaleza: UFC, 2000.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: **Letramento no Brasil, reflexões**

a partir do INAF 2001 (org.) Vera Massagão Ribeiro 2 ed. São Paulo, Global, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

TARDELLI, M. C. **O ensino de língua materna**: interações em sala de aula. São Paulo.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14 ed. São Paulo: Cortez 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A tradução numa perspectiva textual**. Tese de Doutorado - USP: São Paulo. 1992.